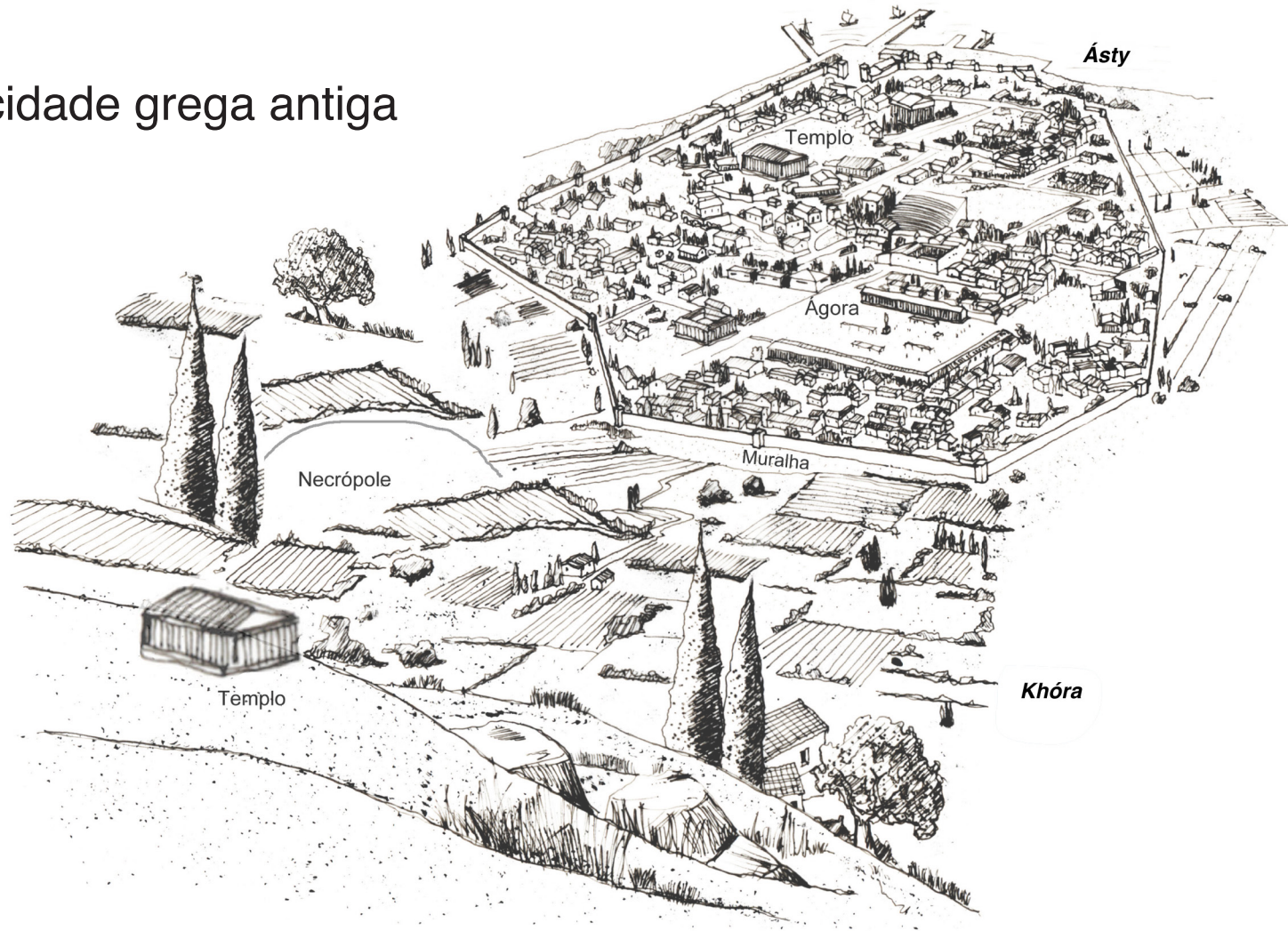


Pólis

Viver em uma cidade grega antiga



A Cidade Grega Antiga em Imagens: Um glossário ilustrado. Labeca, 2015.



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor: Marco Antonio Zago

Vice-Reitor: Vahan Agopyan



MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA

Diretora: Maria Cristina Oliveira Bruno

Vice-Diretor: Paulo Antonio Dantas De Blasis

Comissão Editorial MAE/USP

Maria Cristina Nicolau Kormikiari Passos (Presidente)

Eduardo Goés Neves

Vagner Carneiro Porto

Martha Heloisa Leuba Salum

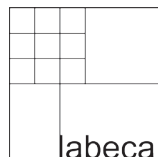
Sandra Denise dos Santos Ribeiro



Pólis

Viver em uma cidade grega antiga

Elaine Farias Veloso Hirata



Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga

Museu de Arqueologia e Etnologia

Universidade de São Paulo

Coodordenação Geral

Elaine Farias Veloso Hirata

Textos

Elaine Farias Veloso Hirata

com a colaboração de

Bruna Braga Fontes (A Casa Grega);

Paula Talib Assad (A Casa Grega).

Desenhos

Leonardo Hermann Fidelis

Projeto Gráfico

Labeca

Diagramação

Bruna Braga Fontes e Paula Talib Assad

HIRATA, Elaine Farias Veloso

Pólis: Viver em uma cidade grega antiga / Elaine Farias veloso Hirata; colaboração de Bruna Braga Fontes e Paula Talib Assad. -- São Paulo : Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga (Labeca), Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo: FAPESP, 2016.

43 p. ; il. color.

ISBN:

1. Cidade Antiga. 2. Pólis e espaço. 3. Casa Grega.

I. Fontes, Bruna Braga, colab. II. Assad, Paula Talib, colab. III. Universidade de São Paulo. Museu de Arqueologia e Etnologia. Laboratório de Estudos de Estudos sobre a Cidade Antiga (Labeca). V. Título.

Laboratório de estudos sobre a cidade antiga

Museu de Arqueologia e Etnologia da USP

Av. Prof. Almeida Prado, 1466

Cidade Universitária – São Paulo, SP

05508-070 Fone 3091 2874

www.labeca.mae.usp.br



Índice

Pólis

Viver em uma cidade grega antiga

Apresentação	6
Introdução	7
1. Fontes Documentais	10
2. A pólis na história do mundo grego	13
3. O espaço dos vivos	15
4. O espaço dos deuses	16
5. O espaços dos mortos	18
Referências Bibliográficas/Imagéticas	25
Anexo 1 - A Casa Grega	27

Pólis

Viver em uma cidade grega antiga

Apresentação

Os textos aqui reunidos buscam disponibilizar conhecimentos básicos aos interessados na cidade grega antiga, sejam eles professores e estudantes, em especial os do ensino fundamental e médio ou visitantes da exposição **Pólis Viver em uma cidade grega antiga**, exibida durante o ano de 2016 no MAE – Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

A exposição **Pólis Viver em uma cidade grega antiga** foi pensada como um instrumento de difusão de alguns resultados de pesquisas contemporâneas sobre o tema, realizadas em instituições científicas pelo mundo e no LABECA – Laboratório de pesquisas sobre a cidade antiga, sediado no MAE USP.

Nosso intuito é apresentar aspectos do viver em uma cidade grega antiga como uma experiência cultural particular, situada em um espaço e tempo distante de nós, mas que pode despertar nossa observação para a questão da *diversidade* como característica essencial da condição humana.

A afirmativa de que o homem molda o seu espaço e depois é moldado por ele é o fio condutor em nossa investigação sobre o viver em uma cidade grega antiga. Acreditamos que a forma como os gregos organizaram os seus espaços nas casas, nas cidades, nos campos, nos informam muito sobre sua visão de mundo, suas práticas sociais e suas ideias.

E propomos a vocês experimentar essa forma de olhar as cidades e os tantos espaços ocupados pelas sociedades humanas ontem e hoje.

Introdução

Os gregos antigos viviam, em sua grande maioria, em assentamentos compostos de dois espaços especializados: uma área mais densamente ocupada, onde estavam localizados, além das casas, edificações de uso público e espaços de reunião, como a ágora e outra, de ocupação mais esparsa, onde os campos eram cultivados, a pecuária, a caça, a extração de madeira eram desenvolvidos (V.Fig.1).

Estes dois espaços constituíam a cidade grega antiga, a pólis, e neles os gregos moravam, trabalhavam, cultuavam seus deuses e se encontravam para discutir os assuntos comuns, para disputas esportivas, festividades, enfim, para viver sua vida de uma forma grega.

A cada um destes espaços os gregos davam um nome: a área central chamavam *ásty* e ao seu entorno agrícola-pastoril, *khóra*. Em muitas pólis a *ásty* foi cercada por muros e a circulação e o acesso das pessoas, indo e vindo da *khóra*, era feito por portas localizadas nos muros. As portas, em geral largas, visavam facilitar não só a movimentação das pessoas como o transporte de produtos, realizados por animais e carroças puxadas por bois e outros animais de tração.

A presença do muro não significava uma separação ou mesmo oposição entre a *ásty* e a *khóra* mas se constituía como um elemento defensivo, tendo em vista que as pólis gregas viviam guerreando umas com as outras. Uma das principais motivações para a guerra era a disputa por terras para a agricultura e a pecuária.

Uma pólis era considerada rica e poderosa quando dispunha de uma *khóra* extensa, garantindo a sobrevivência dos seus habitantes e até um excedente que era trocado com outros grupos. A figura 1 mostra a grandiosa *khóra* de Metaponto, ocupando a planície costeira e fértil da fundação grega no sul da Península Itálica.

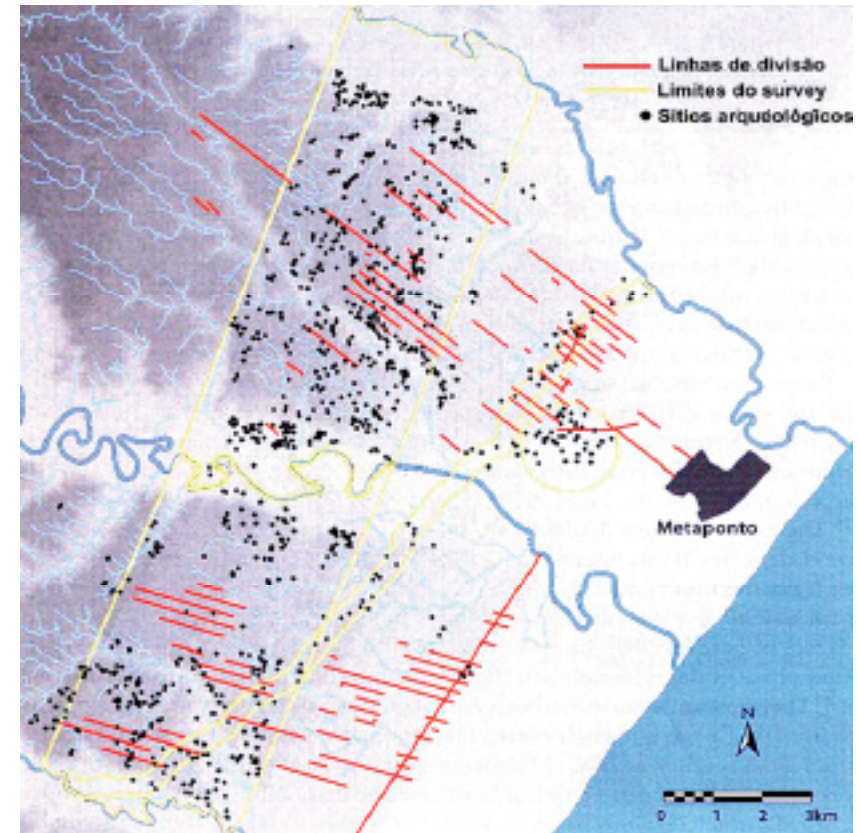


Fig. 1 – Pólis de Metaponto. A *ásty* em negro e a *khóra* em tracejado vermelho com os pontos indicando áreas de habitação.

A emergência da pólis foi uma das expressivas inovações surgidas no mundo grego no início da época arcaica: apresentava como um dos principais traços característicos, o respeito ao particularismo de cada comunidade. Em cada pólis vigorava uma liberdade total na definição de regras para o viver junto, ou seja, a forma de poder político, as instituições, a estrutura da sociedade e até as práticas religiosas. Os deuses são os mesmos, mas cada cidade escolhia a sua divindade protetora e estabelecia os calendários religiosos específicos. É importante frisar que a religião grega não estava baseada em um livro sagrado nem dispunha de uma camada sacerdotal com poder de definir ou regular a prática religiosa.

As pólis multiplicaram-se pelo Mediterrâneo e com elas multiplicam-se também as experiências culturais, mas o grego é o idioma compartilhado e a religião também é traço comum; a arte usufrui da liberdade de expressão, mas acaba convergindo para padrões que a identificam claramente como “grega”.

Assim, a ênfase na representação da figura humana é, por exemplo, uma característica marcante na arte, bem como a escolha do templo como a edificação que sempre recebeu tratamento privilegiado em termos de técnicas construtivas e elementos decorativos.

A independência das pólis e a conseqüente inexistência de um poder central não levou a uma fragmentação pois, como vimos acima, havia a uni-los o idioma, a religião e a arte. A existência em praticamente todas as pólis de um espaço comunitário, a ágora (v. Fig. 3), ponto central da cidade e espaço de reunião dos cidadãos, indica um propósito claro de estimular a participação deste grupo nos assuntos cívicos. O conceito de cidadania vai assim sendo consolidado, também de forma diferenciada, no conjunto das cidades gregas antigas.



Fig. 2 O mundo grego. Acervo digital Labeca.

1. As fontes documentais

O estudo do mundo grego antigo se faz por meio de documentos que chegaram até nós de forma fragmentária, mas que são estudados por especialistas – historiadores, arqueólogos, filólogos, antropólogos – e assim trazem muitas informações sobre a vida nessas cidades. O conjunto de fontes documentais é variado, indo dos vestígios dos espaços ocupados, dos objetos, das construções, aos textos e às imagens que aparecem em vasos, pinturas murais, relevos (V. Figs. 3, 4, e 19).

As fontes materiais: espaços, estruturas e artefatos

Esta categoria de documentos foi, durante muito tempo, subestimada tendo em vista o status privilegiado que o documento escrito assumiu ao longo da história. Hoje a importância dos vestígios materiais para o conhecimento das sociedades letradas e letradas vem sendo reconhecida pelos historiadores que, muitas vezes trabalham em conjunto com os arqueólogos, os especialistas na chamada “cultura material”. Definir cultura material implica inicialmente reconhecer que o homem vive cercado de um universo de “coisas”, criadas por ele mesmo, enquanto integrante de uma sociedade. Assim, a cultura material abrange todo o resultado material do trabalho humano a partir da manipulação e interação com o meio ambiente que o cerca. Desde o espaço usado e/ou transformado para obter a sua sobrevivência, os abrigos que constrói, os artefatos que o auxiliam nas tarefas cotidianas até as coisas que ultrapassam o valor utilitário e funcional para expressar sua visão de mundo, suas crenças, seus valores.

Assim, por exemplo, as marcas deixadas pela agricultura na paisagem, as casas, os objetos domésticos e Instrumentos de trabalho, os objetos de cunho religioso e artístico, dentro de uma gama vastíssima de produtos da ação do homem em sociedade.

Pensando na cidade antiga, temos evidências da forma como os espaços eram especializados para as diferentes funções – os espaços de habitação, de trabalho, da prática religiosa e política, dos mortos – e também dispomos de parte dos artefatos utilizados nestes espaços.

Deve ser ressaltado, no entanto, que os dados que chegaram até nós, constituem uma pequena parcela daquilo que aquelas sociedades produziam e utilizavam. Da mesma forma que também os testemunhos escritos representam apenas o que sobreviveu até nossos dias.



Fig. 3 Vestígios da ágora de Morgantina, pólis da Sicília. Foto Acervo Labeca

As imagens

As cidades gregas antigas utilizavam muito as imagens, impressas em vasos cerâmicos, muros, frontões de templos, moedas, como um sistema de comunicação, divulgando mitos, descrevendo suas atividades cotidianas, divulgando valores cívicos. Já foi dito que a cidade grega era uma “cidade das imagens”, devido ao papel importante que elas teriam na veiculação de idéias pois a escrita era de domínio de poucos. As representações figuradas nos vasos cerâmicos, por exemplo, divulgavam valores políades como a importância dos guerreiros para a sobrevivência da cidade; dos rituais religiosos para a união dos grupos sociais que compunham a pólis; do papel das mulheres na administração da casa e em rituais importantes, como os funerários. As moedas traziam imagens das divindades protetoras da cidade e de suas atividades produtivas; a cunhagem de moedas era um símbolo da autonomia e importância de uma pólis. Os frontões dos templos exibiam cenas mitológicas que remetiam a tempos passados e à história da cidade.

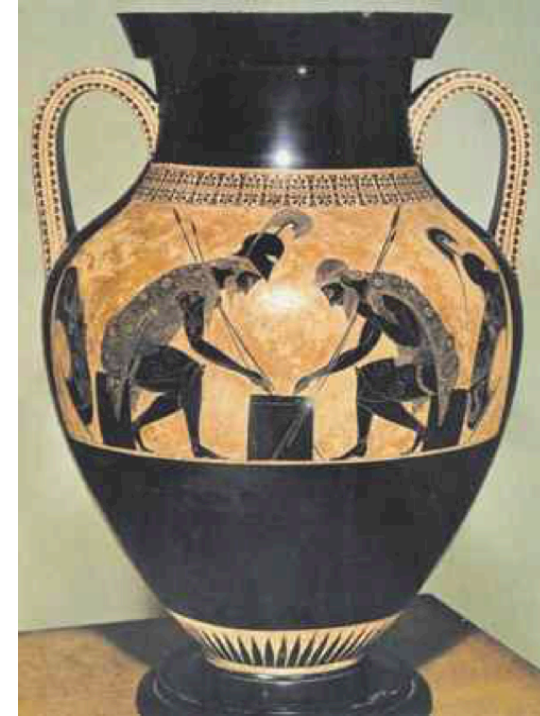


Fig. 5 Vaso em cerâmica com técnica de “figuras negras”, com representação de dois guerreiros. LISSARRAGUE, 1999:122.

Fig. 4a Moeda de prata. Larissa, Grécia Séc. IV a. C. Representação da ninfa Larissa no anverso, e de um cavalo pastando no reverso. Acervo MAE-USP.



Fig. 4b Moeda de prata. Gela, Sicília. Século V a. C. Representação de um cavaleiro no anverso, e do herói Gelas (touro com a cabeça humana) no reverso. Acervo MAE-USP.

A documentação escrita



Fig. 6 Código de Leis de Dreros. WHITLEY, 2001:189.

Os primeiros textos em língua grega que chegaram até nós, foram os poemas épicos *Ilíada* e *Odisséia* que reuniram, por volta dos séculos VIII e VII a. C., relatos de tradição oral correspondentes aos primeiros tempos do povo heleno. A tradição atribui este trabalho a Homero, poeta da Jônia (costa da Ásia Menor com fundações gregas) mas há muitas controvérsias sobre a autoria dos poemas.

A *Ilíada*, composição mais antiga, canta e conta episódios da Guerra de Tróia e tem como personagens principais os heróis que se tornarão paradigmas do comportamento guerreiro: Aquiles, Pátroclo, Odisseu, Nestor e tantos outros. A *Odisséia* é o relato da volta atribulada de Odisseu para sua casa em Ítaca após passar 10 anos lutando contra os troianos.

Do período arcaico temos também obras de Hesíodo como *Trabalhos e Dias* que descreve a vida de um pequeno proprietário de terras e *Teogonia*, centrada na origem dos deuses.

A produção literária grega inclui vários gêneros que, resumidamente vão da história – com Heródoto e Tucídides, por exemplo – à dramaturgia – principalmente com Ésquilo, Sófocles, Eurípides – e à filosofia – onde Platão e Aristóteles destacam-se.

A história e a arqueologia da Grécia fazem grande uso das fontes textuais que são comparadas com os documentos materiais para que se chegue a uma visão mais abrangente da trajetória das cidades gregas.

A Epigrafia – escrita na pedra – também é uma fonte muito rica a integrar o conjunto de fontes documentais sobre o mundo grego antigo. Assim, como exemplo, temos os muros de pedra onde eram inscritas leis, decisões importantes para a vida da cidade e em lápides de sepulturas estão descritos momentos importantes da vida das pessoas (Fig. 6 e 7).



Fig. 7 Leis de Gortina, Creta. Acervo digital Labeca.

2. A pólis na história do mundo grego

A pólis inaugura, como vimos, uma forma de viver junto que prioriza a cidadania, ou seja, o cuidado e a valorização da vida em comum. Se levarmos em conta a pólis como elemento balizador, a história dos gregos pode ser dividida, grosso modo, em dois grandes momentos nomeados, por alguns autores, como a época da “Grécia dos Palácios” (aproximadamente entre os séculos XVI e XIII a.C.) e a da “Grécia das Cidades” (a partir do século VIII a.C. até o domínio romano).

A passagem de um modo de vida em que os palácios atuavam como centro político e a gestor das atividades produtivas, para uma forma política e econômica mais descentralizada se faz lentamente a partir da desintegração do sistema palacial, ocorrida por volta de 1200 a.C. A época da “Grécia dos Palácios” também é chamada Idade do Bronze e foi neste período que se desenvolveram as Civilizações Minóica em Creta e Micênica na Grécia Balcânica.

A Arqueologia vem realizando escavações nas áreas de antigas pólis espalhadas pelo Mediterrâneo como Olinto, Corinto, Atenas e Mégara (Península Balcânica), Metaponto, Poseidônia, Locres (na Península Itálica), Siracusa, Selinonte, Agrigento (na Sicília) bem como em outras no norte da África (Cirene) nas costas do Mar Negro (Ólbia, Quersonesos) e na Jônia (Priene, Samos, Mileto) e a partir destes estudos podemos conhecer melhor o modo de vida das populações que viviam nestas áreas. Para acessar informações sobre as pólis gregas v. www.labeca.mae.usp.br, sítio que dispõe de um banco de dados sobre as cidades gregas antigas intitulado *Nausitoo*.

A pólis, então, constitui-se em uma inovação fundamental na história do Mediterrâneo Antigo. Contrapondo-se aos padrões vigentes até então nas culturas mediterrânicas e médio-orientais, a criação helênica introduz a cidadania, o componente original que mais tarde daria origem à formas mais democráticas de poder político, inéditas até então. Embora as funções governamentais estivessem frequentemente reservadas a um grupo menor de indivíduos, a diferença fundamental era a presença de uma comunidade cidadã, ou seja, imbuída da responsabilidade pelos assuntos políticos, econômicos e sociais de sua pólis.

Nos quadros das pólis estruturam-se formas de sociedades complexas, hierarquicamente constituídas, e que tinham por base o princípio da cidadania, reservada apenas aos proprietários de terra, bem inalienável que passava de pai para filho. Essa configuração sócio-política básica existiu entre os séculos VIII e I a.C. na maioria das pólis distribuídas na área Egéia e nas áreas em que os gregos se instalaram. Vale lembrar também que havia profundas diferenças entre as pólis e que cada uma delas sofreu transformações em sua trajetória histórica.

A peculiaridade das pólis também estava consignada em uma organização espacial particular: a união de um núcleo central “urbano”, a *ásty*, e de uma área territorial destinada às atividades agrícolas, a *khóra*. Essa integração de espaços e, por consequência, de pessoas, foi promovida especialmente pela prática religiosa, envolvendo as populações em rituais que reuniam os habitantes, seja nos santuários urbanos, ou seja, os localizados na *ásty* ou nos santuários extra-urbanos, sediados na *khóra* e nas áreas de fronteira com outras pólis.

Algumas procissões, por exemplo, saíam dos santuários localizados na área da *ásty* e finalizavam seu trajeto nas áreas sagradas das fronteiras. Aí, a realização de um sacrifício e a refeição ritual comunitária que se seguia reforçavam os laços entre os vários grupos sociais que integravam a pólis, a saber, cidadãos, estrangeiros, mulheres e escravos. A constituição e o crescimento de cultos comuns, apropriados pelo Estado, definiam marcas de identidade entre os cidadãos, forjando o sentimento de pertencimento a uma comunidade.

No período arcaico ocorrem mudanças espaciais significativas acompanhando o processo de constituição das pólis. A definição de um espaço religioso específico, um recorte na esfera profana, ocorre com o estabelecimento, nos finais do séc. VIII a.C, do santuário grego. Este incluía uma área delimitada – o *têmeno* – um altar, onde era realizado o ritual e eventualmente um templo.

A documentação arqueológica vem comprovando que em muitas pólis do mundo grego, as mais antigas edificações sagradas surgem, na mesma época, nos dois pólos articuladores da cidade: na *ásty* ou centro cívico e na *khóra*, no território. Esta constatação fundamenta hipóteses a respeito do papel fundamental da religião promovendo a integração das pessoas, condição indispensável para a formação da pólis. Para autores como F. de Polignac (1984), a origem da pólis está em uma comunidade de fiéis cultuando os mesmos deuses que, com o passar do tempo serão absorvidos pelo Estado.

Assim, na cidade grega, de uma parte do espaço comum recortava-se o espaço destinado aos deuses: o *têmeno* – o recinto sagrado; na mesma perspectiva de organização espacial cabia aos mortos uma parte do território: a *necrópole* – a cidade dos mortos. Cada uma destas áreas estava submetida a regras de uso e interdições decorrentes do caráter sagrado de que estavam imbuídas.

A organização dos espaços da pólis era feita paulatinamente, à medida que a população crescia e novas exigências se colocavam para alocar áreas de trabalho, de moradia, de convívio, de prática religiosa.

Esquemáticamente podemos propor três especializações básicas do espaço: a área de habitação, convívio e trabalho – o espaço dos vivos; a área destinada exclusivamente ao exercício da religião – o espaço dos deuses; e aquela destinada a abrigar os mortos – as *necrópoles*.

Trata-se de uma divisão com finalidade didática, pois estes espaços se sobrepunham no cotidiano: os vivos circulavam nas *necrópoles* e nos santuários, os deuses estavam em toda parte e havia uma categoria de mortos – os heróis –, que eram sepultados no centro da área de convívio dos vivos: a *ágora*.

A seguir apresentaremos as características básicas de cada um destes espaços:

3. O espaço dos vivos

Uma parte significativa dos habitantes de uma pólis vivia na *ásty*, o centro cívico, onde estavam localizados os edifícios públicos, os templos das divindades políades – as protetoras daquela pólis –, a *ágora* – o espaço aberto onde os cidadãos se reuniam para debater os assuntos da pólis e também ficavam as oficinas dos artesãos. Os habitantes da *ásty* eram, em geral, os grandes proprietários de terras que dispunham de escravos para trabalhar em suas propriedades, localizadas na *khóra*, mas também os artesãos e os comerciantes.

As casas (V. Anexo) eram, em geral construções modestas, distribuídas em ruas mais estreitas – *estenope* – que se cruzavam com as platéias, as ruas mais largas. Em muitas das pólis, especialmente as que foram fundadas fora da área egéia, a malha viária era ortogonal, com as ruas cruzando-se em ângulos retos.

A *ásty* dispunha também de teatros, ginásios e edifícios de caráter político, como o eclesiário e o buleutério, onde se reuniam os conselhos políticos como a eclésia e a bulê. Os pequenos proprietários rurais que moravam na *khóra*, para lá se dirigiam nos dias festivos.

Na *khóra* viviam os agricultores, os pastores e criadores de ovelhas, cabras e os caçadores. Também lá havia santuários, pequenas capelas e, nas fronteiras, grandes templos. Nestes centros de culto ocorriam também as festas religiosas, os sacrifícios, e a prática cotidiana da religião.

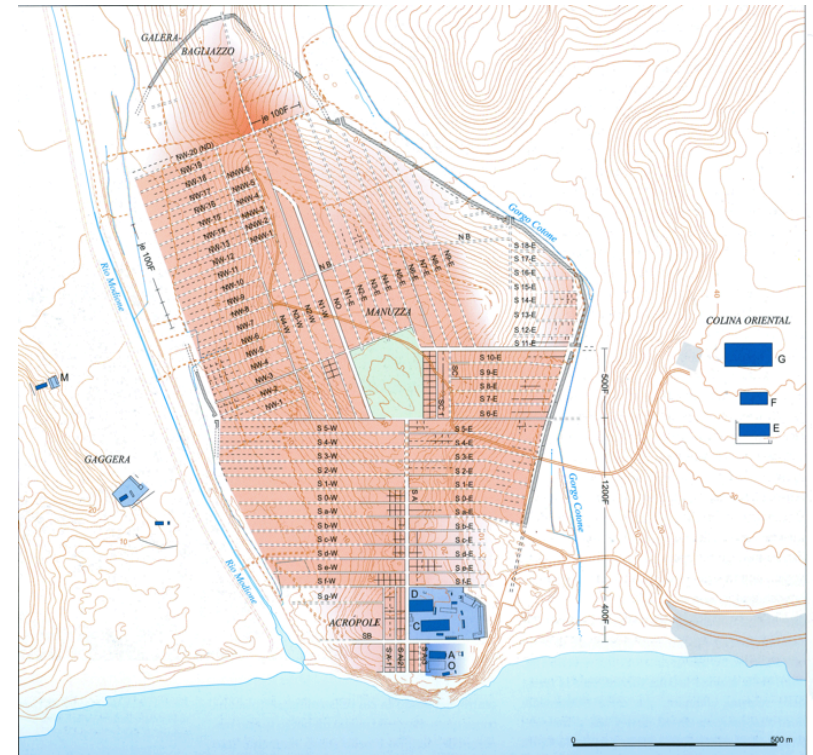


Fig. 8 Planta da pólis de Selinonte. MERTENS, 2006:174.

4. O espaço dos deuses

A invenção do templo grego não representa uma mudança significativa na prática cultural mas sim uma decisão de uma comunidade de cidadãos, no sentido de monumentalizar, isto é, de inscrever uma grande construção sagrada em uma paisagem. O templo torna-se o emblema da pólis, a consignação do poder e do prestígio de uma cidade frente às demais, a expressão de sua identidade. Na estrutura de uma cultura competitiva como a grega, os santuários desempenham um papel definitivo. A inspiração para o plano arquitetônico do templo grego, possivelmente, veio do Oriente Próximo e Egito. A técnica construtiva e o princípio da monumentalidade seriam um empréstimo dos egípcios e a concepção tripartite templo, altar e imagem de culto, do Oriente Próximo.

É interessante reiterar que a prática religiosa grega não dependeu, em época alguma, da presença de edificações específicas para a sua realização. De toda forma, arranjos simples de pedras configurando um altar precedem, com certeza, qualquer tipo de construção de cunho sagrado. Altar e sacrifício – o ritual religioso grego básico e fundamental – são categorias indissociáveis na religião helênica. Para alguns autores, as refeições rituais comunitárias que se seguiam aos sacrifícios teriam peso igualmente significativo desde épocas recuadas, e a arqueologia vem recuperando, em áreas de culto, sinais dessa atividade: ossos, equipamentos para beber e comer como cântaros e pratos. No final do século VII a. C. estrutura-se a trilogia altar (dispositivo necessário para o sacrifício), templo (abrigo da estátua e das oferendas) e téneno (área sagrada delimitada) que vão constituir o santuário grego clássico.

O templo grego

O plano básico do templo clássico era retangular, compreendendo duas partes principais: uma área fechada – *sekós* –, e uma colonata aberta – o peristilo. A área fechada compreendia o naós (em latim *cella*) que abrigava a estátua representando a divindade; frequentemente esse espaço era precedido por uma espécie de vestíbulo: o pronaos; o plano básico era completado pelo opistódomo, um quarto localizado na parte de trás do naós. Alguns templos dispunham do ádito, espaço reservado, uma espécie de “santo dos santos”. O templo inteiramente rodeado por colunas era chamado períptero, se havia duas fileiras de colunas: díptero. O comprimento dos templos era variável, os mais antigos, construções verdadeiramente monumentais, mediam cerca de 100 pés, daí a denominação Hecatômpedo.

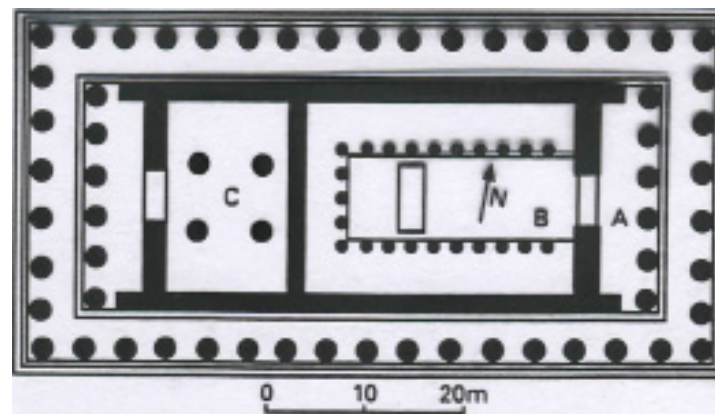


Fig. 9 Planta do Pártenon, acrópole de Atenas, séc. V a. C.

A= pronaos B= naós C= opistódomo

Acervo Digital Labeca.



Fig. 10 Templo de
Teseu/*Hephaesteion*
Ágora de Atenas.
Foto Acervo Laebca

O templo apoiava-se em uma plataforma com três degraus e sobre o último assentava-se a colunata. Observando-se de frente, o templo de tipo dórico apresenta colunatas (poste e capitel), arquitrave, frisa de métopas alternando-se com tríglifos, pedimento e telhado; o tipo jônico diferencia-se por ter uma base para a coluna, uma fascia no lugar da arquitrave e uma frisa contínua. As métopas e pedimentos recebiam, às vezes, decoração escultórica. As três ordens gregas clássicas – dóricas, jônicas e coríntia – distinguiam-se basicamente pelos tipos de capitéis.

Tipos de Santuários

Os santuários urbanos são situados na *ásty* ou em um topo de uma colina localizada dentro dela. São verdadeiros monumentos políades representando o poder, a riqueza de suas respectivas cidades. O santuário urbano, em geral, abrigava um templo com a estátua da divindade protetora da pólis – a divindade políade.

Os santuários extra-urbanos podem estar situados nos arredores da *ásty*, ou seja, nas vizinhanças das muralhas que em geral delimitam o espaço urbano, ou então nos confins do território, nas fronteiras com outras pólis. Os santuários extra-urbanos são marcos da posse do território e os cultos lá realizados integram o calendário religioso da cidade. A participação da população da *ásty* nos rituais dos santuários extra-urbanos e da população da *khóra* nos rituais dos santuários urbanos propiciava a integração efetiva dos indivíduos e das duas porções de espaço que constituíam a pólis.

Santuários pan-helênicos têm uma conotação particular no cenário fragmentado que caracterizava a vida das cidades gregas: eram, ao mesmo tempo, o espaço do convívio e da competição; da reafirmação dos laços que uniam os gregos – língua, religião, arte – e do exercício da emulação por meio das competições atléticas, e teatrais entre as cidades; se constituíam no espaço privilegiado de propaganda política das cidades perante os representantes de todo o mundo grego.

5. O espaços dos mortos



Fig. 11 Necrópole do Cerâmico. Atenas, séc. V a.C. *A Cidade Grega Antiga em Imagens: Um glossário ilustrado*. Labeca, 2015.

As necrópoles

Na visão de mundo das comunidades gregas antigas também os que morriam deveriam ser colocados em um espaço especial, afastado dos espaços da vida cotidiana e onde seriam lembrados e celebrados pela família e pelos amigos. Os arqueólogos o chamam de necrópole, palavra que em grego significa a “cidade dos mortos” (v. Fig. 11).

Neste texto buscaremos mostrar o que conhecemos e como chegamos ao conhecimento das formas como os gregos tratavam os seus mortos. A documentação que dispomos para isso são os próprios cemitérios, abrangendo nesta categoria desde os restos esqueléticos até tudo o que acompanhava o morto, o mobiliário funerário ; referências textuais que falam sobre os rituais realizados por ocasião de uma morte e as imagens dos vasos cerâmicos ou pinturas parietais que retratam momentos destes rituais.

As escavações realizadas em sítios da Grécia Balcânica (como Micenas, Argos, Atenas, Delos), da ilha de Creta, de pólis das áreas mediterrânicas por onde os gregos se assentaram como Siracusa na Sicília, Metaponto no sul da Itália, Ólbia Pontica, nas costas do Mar Negro, Cirene, no norte da África, dentre tantas outras, vem demonstrando que alguns traços, como a localização, eram relativamente comuns às necrópoles do mundo grego.

Nas pólis estruturadas espacialmente as necrópoles situavam-se, em geral, um pouco afastadas da área de habitação e fora da área amuralhada, definindo-se assim, zonas especializadas para os vivos e para os mortos, assim como, também aos deuses reservavam-se espaços que se tornavam sagrados. Em algumas necrópoles, como em algumas áreas sagradas, eram colocados dispositivos para a delimitação dos espaços como muros ou pedras.



Fig. 12 Imagem 1: Sepultura em cista com esqueleto em posição estendida. Imagem 2: Sepultura em cista com esqueleto em posição estendida com oferendas. Spatafora, 2010:34.

As sepulturas variavam em tamanho e forma em função das cidades onde se localizavam, da época em que eram construídas e de acordo com quem seria ali sepultado. No mundo grego são documentadas tumbas individuais e coletivas, tumbas muito simples formadas apenas por uma cavidade no chão ou na rocha e outras dotadas de dispositivos arquitetônicos elaborados. A posição do corpo também variava, alguns eram colocados estendidos, outros fletidos em muitas posições (de lado, joelhos dobrados para um lado ou outro) (V. Fig. 12).

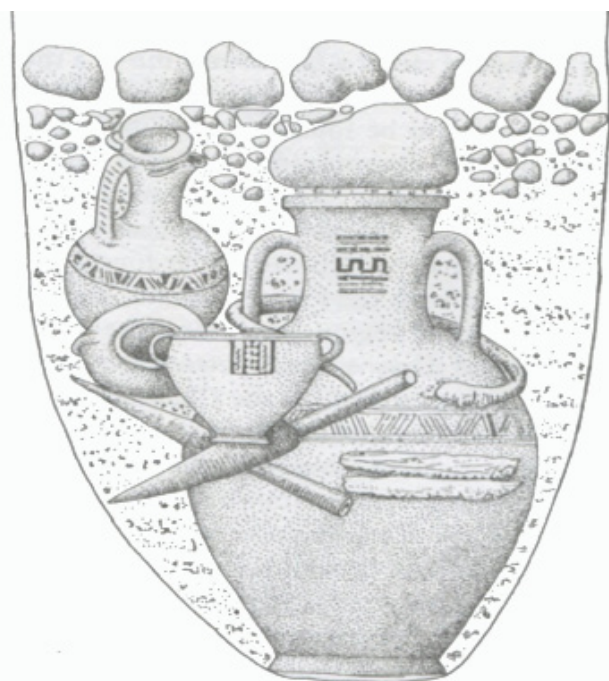


Fig. 13 Vista seccional de um enterramento após cremação. Areópago, Tumba de Guerreiro D16.4. Atenas, século VIII (?). Whitley, 2001:93.



Fig. 14 Oferendas encontradas em uma incineração secundária em urna do início do século VI a.C na tumba 65 na Caserma Tukory em Palermo. Spatafora, 2010: 43.

Havia enterramentos, em geral de crianças, em que os corpos eram colocados em vasos cerâmicos como os *pitos*, em grego (grandes jarros destinados também ao armazenamento de víveres); em caso da chamada cremação secundária, os ossos e cinzas eram recolhidos e colocados em vasos cerâmicos ou de bronze e enterrados com as oferendas funerárias. (V. Fig. 13).

As sepulturas eram sinalizadas pela presença de um montículo, um vaso, uma lápide ou uma construção mais elaborada dependendo, como já foi dito, do local e da época. As imagens dos vasos cerâmicos são uma fonte importante para o conhecimento das sepulturas (V. Fig. 15).

Os artefatos que acompanhavam o morto – o mobiliário funerário – também variavam de pólis a pólis e de época a época: em princípio tudo que existia nas casas poderia ser ofertado, desde a tigela de barro, passando por adereços e pertences pessoais de todo tipo, instrumentos de trabalho, armas e assim por diante (V. Fig. 14).

Havia uns poucos objetos cujo fabrico destinava-se exclusivamente ao contexto funerário, como é o caso do lécito (vaso cerâmico para verter líquidos) pintado com o fundo branco e que exhibe cenas funerárias em sua maioria.

As escavações arqueológicas das necrópoles vêm trazendo muitas informações sobre as populações que habitavam as pólis: a análise dos esqueletos pode indicar a idade, o sexo, a dieta e as doenças que vitimavam esses indivíduos; o arranjo dos restos mortais na sepulturas e os objetos que os acompanhavam levam a hipóteses sobre as formas utilizadas pelos gregos no tratamento dos mortos, indícios de diferenças de tratamento entre os grupos sociais, de idade e sexo.

Assim, em um exemplo muito simplificado, a escavação de um cemitério pode sugerir uma hierarquização social se o arqueólogo documenta, em uma parcela pequena dos enterramentos da área, a presença de objetos denominados de prestígio - ou seja, aqueles feitos de materiais raros ou caros ou/e com técnica muito elaborada - ou mesmo objetos comuns em grande quantidade. Pode-se, a partir dessa disparidade entre os enterramentos pensar na concentração de riqueza entre poucos indivíduos ou famílias.



Fig. 15: Lécito de fundo branco ático, séc. V a. C Lissarrague, 1999: 122..

O estudo dos restos esqueléticos podem indicar, por exemplo, que os objetos mais valiosos estavam mais presentes em sepulturas de homens, mulheres ou crianças. O desgaste nos dentes pode indicar carências na dieta ou doenças, calcificações em ossos podem sugerir recomposição após fraturas, enfim, os trabalhos com os restos mortais podem revelar situações individuais ou coletivas.

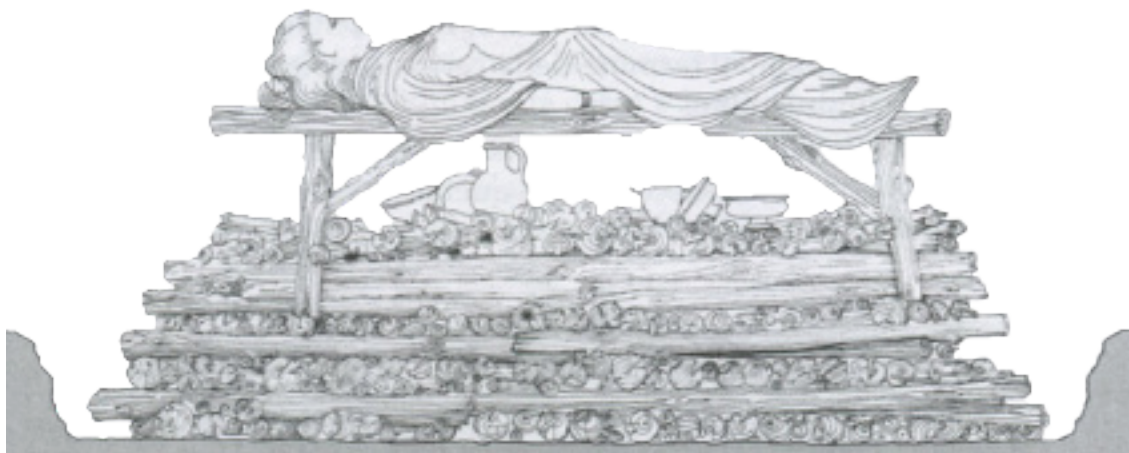


Fig. 16 Reconstituição de uma pira mortuária com oferendas. Spatafora, 2010: 70.

As práticas mortuárias

É importante frisar, desde já, que as pólis eram comunidades políticas relativamente independentes, com suas próprias leis e com formas particulares de praticar a religião, cuidar dos mortos, realizar suas festividades, enfim, de viver sua vida da forma grega específica que haviam construído em sua trajetória histórica. Entender o regionalismo das práticas sociais é um elemento-chave para compreendermos o cotidiano dos antigos gregos.

As práticas mortuárias usuais presentes nas necrópoles gregas em todos os períodos são a inumação e a cremação.

A inumação – é a deposição/enterramento do cadáver em uma sepultura composta de uma fossa simples (por vezes escavada na rocha) ou em cista, revestida de lajes de pedra nas laterais e coberta ou não por outra placa (V. Fig. 12).

A posição do corpo variava e a presença ou não do mobiliário funerário também dependia das mesmas variáveis. No mundo grego são registradas também as inumações em vasos reservados, em geral para indivíduos muito jovens, crianças ou fetos. Eram usados recipientes de argila ou mais raramente, de bronze (V. Fig. 13).

A cremação é o rito funerário em que o morto é incinerado, seja em uma pira ou então, mais raramente, na própria sepultura. No caso da cremação primária o cadáver era estendido na própria tumba em uma plataforma de lenha e incinerado juntamente com o mobiliário funerário, em seguida o conjunto era recoberto de terra (V. Fig. 16).

Quando se trata da cremação secundária após a incineração do cadáver em uma pira, ocorria o recolhimento das cinzas e ossos em um vaso cinerário e no enterramento deste em uma fossa com as eventuais oferendas.

Como apontamos acima, as práticas mortuárias variaram de cidade para cidade e, em uma mesma cidade, estes costumes também sofreram mudanças no decorrer do tempo, do processo histórico.

Assim, em Atenas, as escavações das necrópoles das áreas denominadas Cerâmico e Areópago que dispõem de sepulturas que cobrem praticamente todos os períodos da história da Grécia permitem afirmar que, na Ática, nos séculos XII e XI a. C. predomina a inumação e nos seguintes, XI e IX a. C., a cremação passa a ser a prática dominante; a partir daí, durante o período arcaico, as duas formas de enterramento convivem e apenas no século IV a. C. a inumação volta a predominar. No Peloponeso, a inumação predomina entre adultos e crianças durante o período arcaico e na Erétria, na mesma época, adultos são cremados e crianças inumadas.

As explicações para as mudanças das práticas funerárias em uma pólis, em diferentes períodos, são muito difíceis de determinar. Em geral os arqueólogos permanecem no campo das hipóteses.

Em outro contexto, na pólis de Siracusa, na Sicília, os gregos vindos de Corinto, ao se estabelecerem na nova terra, alteram sua prática tradicional de enterramento, passando da inumação em posição contraída para a inumação em posição estendida. Duas hipóteses se colocam: a mudança poderia ser pela vontade de se diferenciar das populações locais que usavam a posição contraída ou uma forma de marcar sua identidade independente, siracusana, frente aos costumes de sua área de origem coríntia.

O ritual funerário

A superfície dos vasos cerâmicos, no mundo grego, constituía-se em um espaço privilegiado onde os pintores inscreviam, por meio de imagens, registros e mensagens de todo tipo sobre o cotidiano e a visão de mundo dessas populações. Em uma sociedade de limitado acesso à escrita, as imagens eram o principal meio de comunicação: já se afirmou que Atenas – e podemos ampliar para as pólis em geral - era uma “cidade das imagens”.

O mundo da morte aparece em representações figuradas (Fig. 19) e, juntamente com os textos permitem uma apreciação de momentos capitais do ritual funerário, um ritual de passagem como os que pontuavam o nascimento, a chegada à vida adulta, o casamento, ou seja, as ocasiões em que ocorriam mudanças importantes na vida dos indivíduos. Estas passagens extrapolavam a dimensão individual e envolviam a comunidade, cuja participação reiterava os laços de identidade, reafirmava valores da sociedade.



Fig. 17 Detalhe de um lécito de fundo branco ático de 48 cm datando de 450 a.C. Pintor das inscrições. Museu arqueológico de Atenas. Lissarrague, 1999:121.

O vaso ao lado (Fig. 18) é uma ânfora (vaso cerâmico usado para armazenar e transportar vinho e azeite) produzida por volta da metade do século VIII a.C. em Atenas e sua função era marcar a sepultura e registrar na memória dos vivos a passagem do indivíduo ali enterrado para o mundo dos mortos. Estão subentendidas nestas cenas a fase de preparação do cadáver – lavado e ungido com óleos perfumados pelas mulheres da família e a destinação final dada ao corpo: a cremação ou a inumação. Esta categoria de vasos, chamados de Dípilon, só é encontrada em Atenas durante um curto espaço de tempo (cerca de 25 anos) e sinalizavam os enterramentos de homens e mulheres ricos: eram exemplares monumentalizados, chegando a 1,80 m, pintados habilmente por artesãos altamente especializados. Certamente muito caros, adornavam as sepulturas de parte pequena da população de Atenas.



Fig. 18 Ânfora funerária ática em cerâmica de 1,55m de altura atribuída ao Mestre do Dipylon. Atenas, Cemitério do Cerâmico, cerca de 760 a.C. Foto: Paris, Holtzmann, 1998: 60.

A cena representada nesta ânfora registra o momento da exposição do morto - a prótesis, em grego - a lamentação, expressão da dor e do luto pelos parentes e amigos por meio de um gesto característico: elevar as mãos em direção à cabeça. Podemos observar a figura do morto deitado e ladeado pelos demais que o pranteiam dessa forma.

Logo abaixo vemos um carro puxado por cavalos que indica, em sequência, o momento do transporte do falecido à necrópole, ao mundo dos mortos, onde será inumado ou cremado. A transferência do defunto, chamada pelos gregos de *ekphorá*, do convívio com os vivos para o espaço dos mortos, registra a sua nova condição na comunidade.



Fig. 19 Detalhe da parte figurativa da mesma ânfora. A imagem representa uma cena de prothesis (lamentação do morto). Foto: Paris, Holtzmann, 1998: 60.

Referências Bibliográficas/Imagéticas

FLORENZANO, M.B.B. (ed.) *A Cidade Grega Antiga em Imagens: Um glossário ilustrado*. Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga, Museu de Arqueologia da Universidade de São Paulo, 2015.

FLORENZANO, M.B.B. *Nascer, viver e morrer na Grécia antiga*. São Paulo, Editora Atual, 1996.

HOLTZMANN, B.; PASQUIER, A. *Histoire de l'art antique: l'Art grec*. Manuels de l'Ecole du Louvre. Paris: Ecole du Louvre, 1998.

LISSARRAGUE, F. *Greek Vases. The Athenians and their images*. Riverside Book Company, 1999.

Mediterrâneo: Grécia e Roma. Guia Temático para Professores. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2001.

MERTENS, D., *Città e monumenti dei Greci d'Occidente*. Roma: "L'Erma" di Bretschneider, 2006.

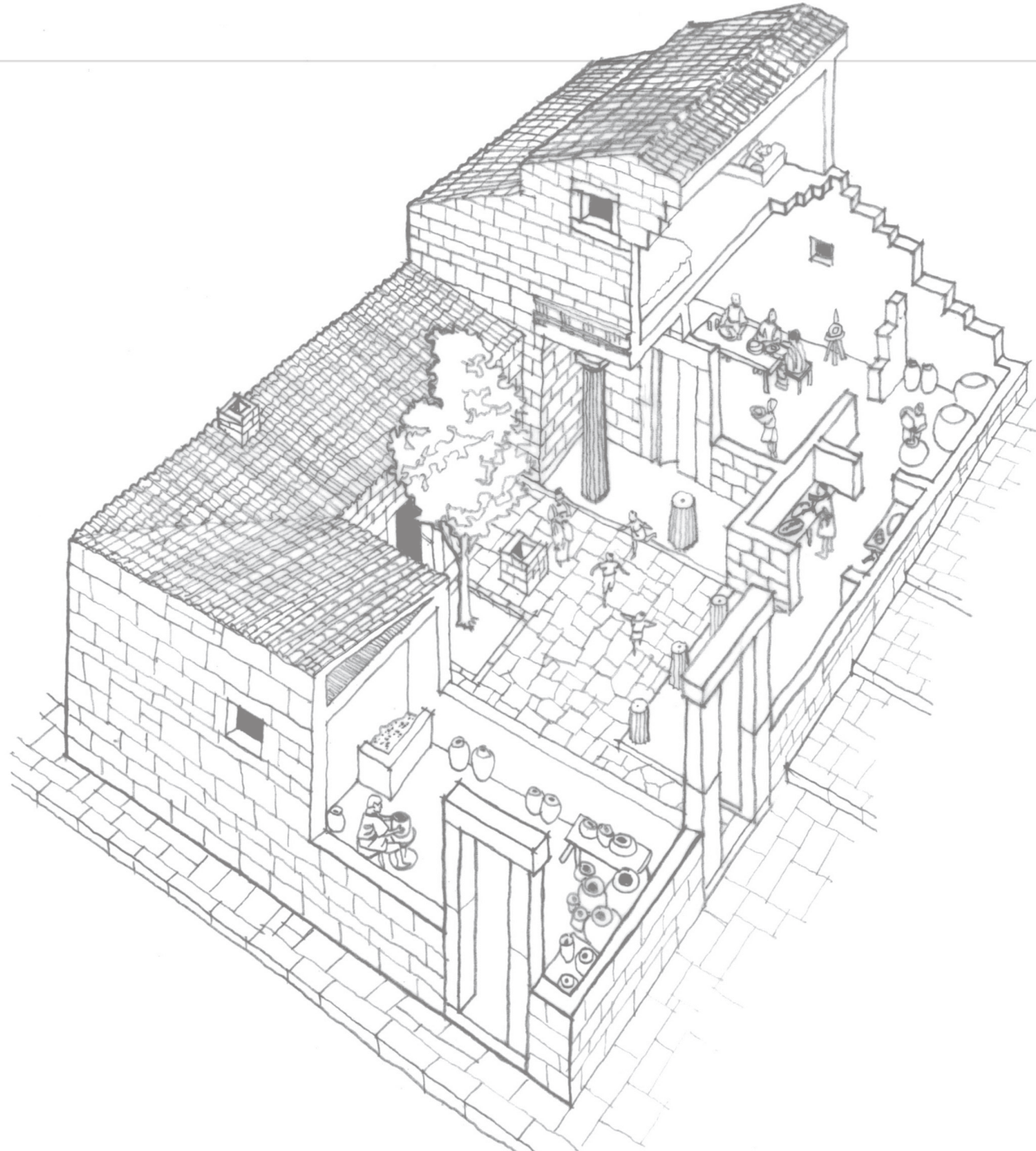
NEVES, W. *Um esqueleto incomoda muita gente*. Campinas, Editora Unicamp, 2014.

SPATAFORA, F.; VASSALO, S. *L'ultima città: Rituali e spazi funerari nella Sicilia nord-occidentale di Età arcaica e classica*. Palermo, Convento della Magione, 30 aprile 2010. Regione Siciliana. Assessorato dei Beni Culturali e dell'identità siciliana, Dipartimento dei beni culturali e dell'identità siciliana, 2010.

WHITLEY, J. *The Archaeology of Ancient Greece*. Cambridge: CUP, 2001.

YALOURIS, A. AND N. *Olympia: guide to the museum and the sanctuary*. Athens: Ekdotiki Athenon, 1995.

A Casa Grega



A pólis de Olinto

É possível definir a casa grega como a primeira expressão material de um espaço 'privado' na pólis, destinado a abrigar as atividades da sua menor unidade social, o núcleo familiar.

Os estudos arqueológicos demonstram que, entre os finais do IX e início do século VIII a.C. o modelo comum de casa em sítios na Península Balcânica seguia um formato absidal, ou seja, dispunha de um cômodo retangular com um lado arredondado (V. Fig. 1). Em geral com pouca ou nenhuma repartição interna, este formato é multifuncional: serve de abrigo, área para a armazenagem de víveres, preparo e consumo de alimentos, atividade que se confunde com a prática religiosa, possivelmente realizada também ao redor do fogareiro ou lareira localizado, em geral, no centro do cômodo.

É bastante difícil diferenciar, no contexto arqueológico, estas duas atividades, pois o preparo do alimento deixa resíduos muito semelhantes ao sacrifício ritual de pequenos animais, muito comum entre as populações helênicas.

Como o passar do tempo, mudanças decorrentes principalmente do processo de emergência e consolidação das pólis pelas costas do Mediterrâneo resultaram na criação de muitos modelos de casas que iam se adequando às condições de vida de cada região e adquirindo características próprias no decorrer do tempo. Assim, coloca-se uma dificuldade de sistematização dos diferentes formatos e especificidades das casas, em cada pólis, agravada pela carência de escavações das áreas habitacionais por conta do alto custo destas empreitadas.

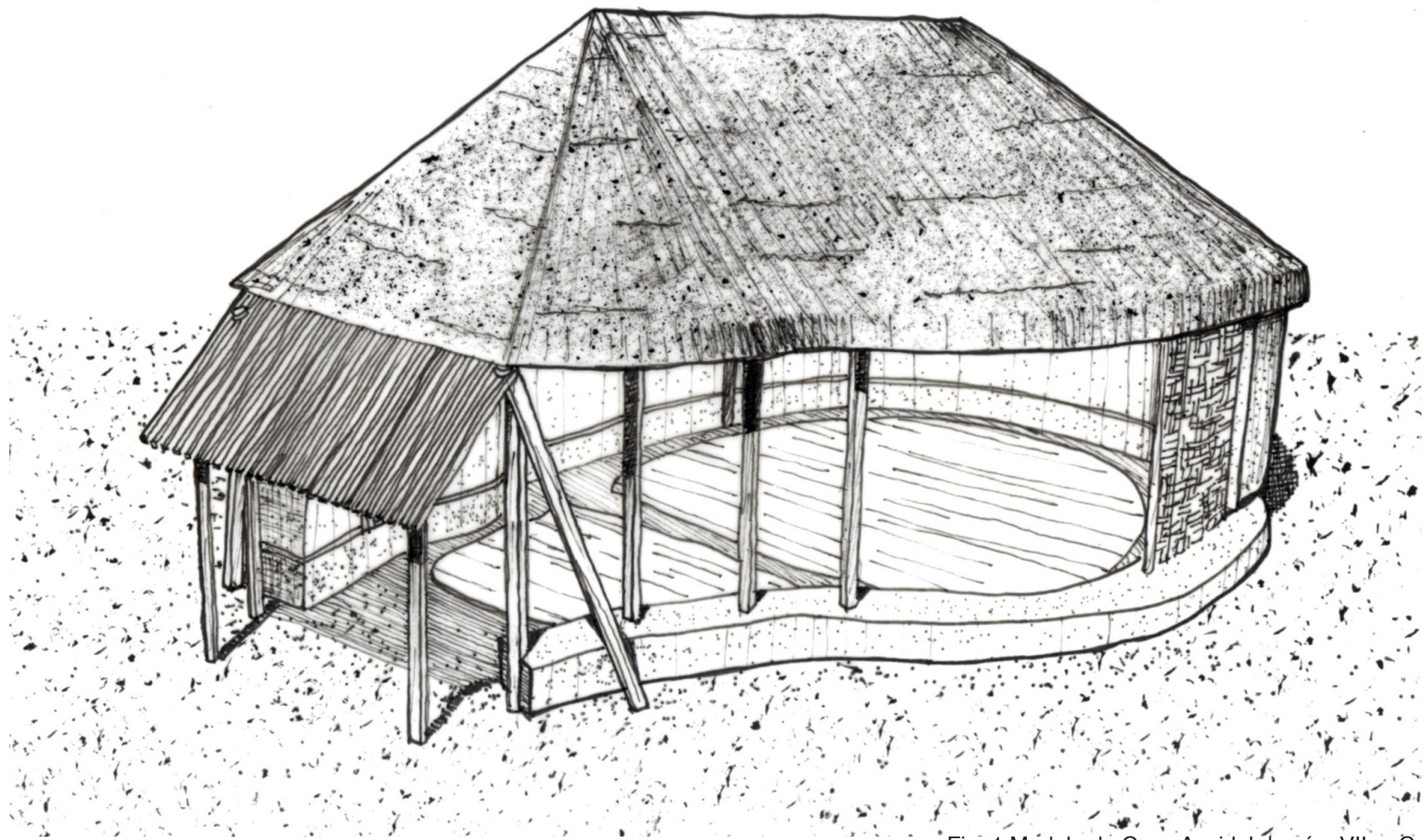


Fig. 1 Modelo de Casa Apsidal do séc. VII a. C.
A Cidade Grega Antiga em Imagens: Um glossário ilustrado. Labeca, 2015.

Neste texto, trataremos das casas gregas a partir dos dados de uma das mais proficuas escavações levadas a cabo no mundo helênico: o trabalho arqueológico na pólis de Olinto, que recuperou dados relativos a mais de 100 casas, que foram exaustivamente estudadas. A ocupação deste sítio terminou em 348 a.C. , cerca de 84 anos após a implantação de uma malha urbanística regular (ortogonal) o que significou que o uso das casas ocorreu por poucas gerações. Neste curto espaço de tempo poucas reformas ou reconstruções foram realizadas tornando a interpretação das estruturas habitacionais uma tarefa menos difícil para os arqueólogos. A destruição súbita da pólis e o relativo abandono do sítio propiciaram, por sua vez, a preservação de uma grande quantidade de artefatos distribuídos pelos cômodos das casas o que significou a possibilidade de identificação das atividades realizadas nestes locais.

Sobre a história de Olinto, suas malhas viárias e suas casas

Localizada no norte da Grécia, na região chamada Calcídica, Olinto era uma pólis cercada por campos e bem suprida de água. A cidade distava aproximadamente 2,5 quilômetros do mar e foi construída sobre uma área formada por duas colinas.

O assentamento original estava localizado no lado menor e mais íngreme da chamada “ Colina Sul “: já a área da “ Colina Norte” foi construída mais tarde como um assentamento dotado de uma planta planejada e somente no final do século V e início do IV a.C. a cidade se expandiria para a planície ao leste.(V. Fig. 2) A seguir apresentaremos uma rapidíssima síntese dos principais eventos que pontuaram a história da cidade.

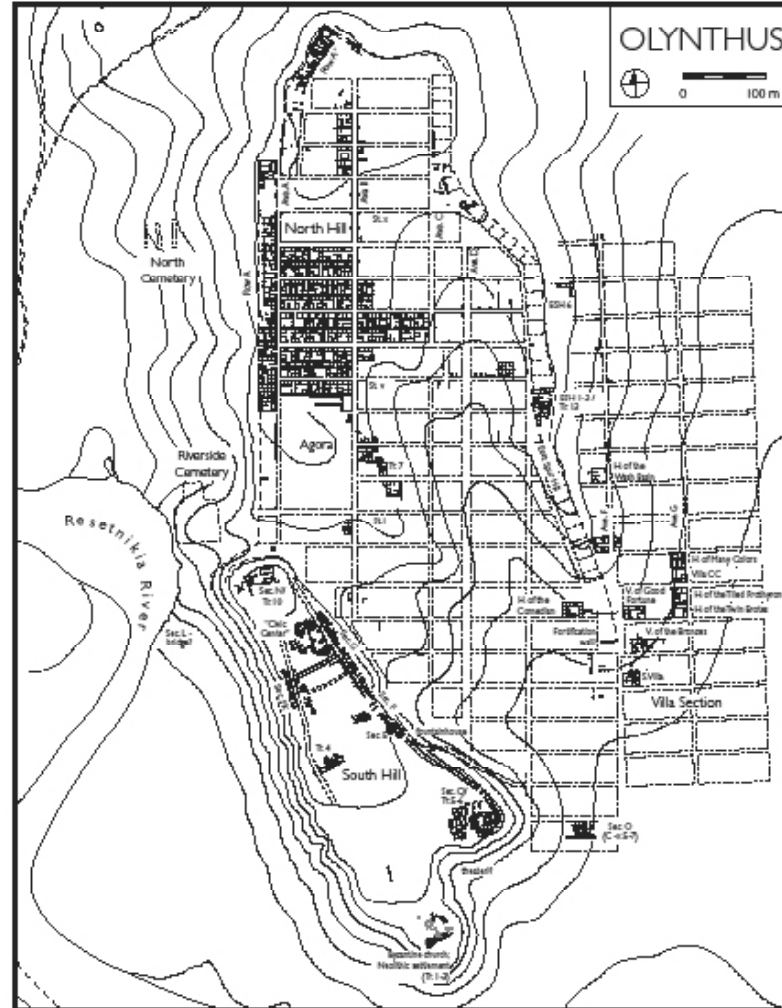


Fig. 2 Representação da cidade de Olinto. Cahill, 2002:196.

A fase inicial da vida da pólis começa por volta do final do século VIII a.C. e Olinto ainda era uma pequena cidade no início do século V a.C. Com o fim da guerra do Peloponeso, a chegada de populações vizinhas que se mudaram para Olinto para tentar formar uma cidade maior e mais defensável frente a Atenas, gerou um aumento populacional significativo e implicou na expansão territorial. Entre os séculos V e IV a.C. a criação da liga Calcídica, tendo Olinto como cidade principal representou um novo aumento de população e o poder da cidade foi consolidado nesta parte da Grécia. O conflito entre a liga Calcídica e o poder macedônio termina com a derrota de Olinto frente a Felipe II e resulta na escravidão de seus habitantes em 348 a.C. A partir daí a cidade foi abandonada e a maioria de suas casas ficou em ruínas.

As mudanças urbanísticas da cidade

O assentamento da “Colina Sul”, o primeiro e que surge com a cidade foi organizado de forma irregular, com blocos de construções distribuídos em uma rede simples de ruas que acompanhavam os lados da colina e cruzavam-se com ruas transversais ; era murado e dispunha de edifícios públicos como um bulutério.

Já na “ Colina Norte”, ocupação resultante do crescimento da população e da cidade. o espaço foi organizado em um modelo ortogonal, isto é, com as ruas retas dispostas em forma de “ grade” e que se estendia por toda a colina. As casas foram, em sua maioria, construídas em blocos de dez, compostas de duas linhas de cinco casas separadas por uma viela estreita para a drenagem.

Novamente a pressão pelo aumento da população, quando Olinto torna-se a pólis líder da Liga Calcídica, levou ao preenchimento da “ Colina Norte” e à expansão para além dos seus muros em direção de uma planície situada a leste. Os arqueólogos deram a esta área o nome de setor das “Vilas” porque as primeiras casas descobertas pareciam maiores e mais luxuosas do que as da “Colina Norte”. A nomeação é considerada, hoje, inadequada pois a organização do setor segue o padrão de blocos regulares e não a dispersão típica das casas de tipo “vila” e na “ Colina Norte” também existem residências amplas e de construção sofisticada.

Em geral, os blocos habitacionais do setor das “ Vilas” aparentam consistir, como aqueles da “Colina Norte”, de dez casas em uma fileira de cinco. Contudo, diferentemente do encontrado na “Colina do Norte” foram deixados espaços vazios entre as casas. No entanto, ainda não sabemos a extensão total do setor das “ Vilas” , os arqueólogos acreditam que a área construída teria sido análoga à da “ Colina Norte”.

Quando da ampliação para o leste, os muros foram em parte preservados, especialmente as fundações ; traçados essencialmente ao longo do lado oeste da “Colina Norte”, formavam a parede de trás das casas adjacentes.

Um portão no extremo norte era uma das entradas principais da cidade; outros portões são presumidos ao sul, entre a “Colina Norte” e a “Colina Sul” e em outras localidades.

A área urbana construída -a *ásty*- vem sendo estimada pelos trabalhos arqueológicos em cerca de 51 hectares, dos quais apenas 4,5 hectares foram de fato escavados. Esta é uma proporção razoavelmente pequena em relação ao total, contudo é uma das maiores áreas habitacionais escavadas intensivamente no mundo grego.

Em síntese, as circunstâncias do processo histórico acabaram por criar, em Olinto, uma paisagem urbanística com três áreas bem definidas e com arranjos próprios. As mesmas circunstâncias fizeram com que os vestígios conservados nos permitissem compreender , por exemplo , que a *ágora* situava-se na “ Colina Norte” e que nas casas e ruas ao seu redor foi encontrado um grande volume de moedas em comparação com os demais espaços da pólis. Haveria, nesta área uma concentração de atividades comerciais?

As casas e a especialização dos espaços

No final do período arcaico, entre os séculos VI e V a.C. , as casas, de forma retangular ou quadrada, já dispõem de repartições internas, decorrentes de um processo de especialização dos espaços. As escavações arqueológicas em sítios como Olinto dentre outros, revelam isso pelos achados nos diversos cômodos: grandes ânforas ou pitos para grãos , óleo e vinho acomodam-se no que se poderia chamar de um tipo de despensa; pesos de tear sugerem uma área de trabalho feminino; acúmulo de vasilhas para conter o vinho (ânforas) e para beber (cálices, cântaros, taças) são indícios de que neste local poderia ocorrer o simpósio, um banquete festivo reunindo apenas homens.

É importante destacar que para interpretar algumas das funções dos espaços da casa, a documentação arqueológica é comparada com os textos e também com as representações figuradas em vasos cerâmicos.

Principalmente a partir do século IV a.C. as casas das cidades vão sendo ampliadas; além espaços direcionados a atividades das mulheres e dos homens, em algumas delas surgem espaços de trabalho e até pequenas lojas voltadas para a rua. Os pátios internos a céu aberto tornam-se mais comuns para as atividades ao ar livre no verão. Um pavimento superior é sugerido pela presença de restos de escadas no piso de uma casa.

Em boa parte das casas havia uma área externa vazia que poderia ser utilizada para o plantio de árvores frutíferas, a criação de pequenos animais, ou o cultivo de uma pequena horta.

Ao lado de casas maiores e com áreas funcionalmente distintas permanecem, por todos os períodos as de dimensões reduzidas dispondo, por vezes, de poucos cômodos que se adequavam às diferentes necessidades do núcleo familiar.

Nas casas localizadas na *khóra*, era muito comum encontrar grandes pátios internos, onde se guardavam ferramentas para o trabalho no campo, eram processadas colheitas, armazenava-se a produção (óleo, grãos, frutas). Muitas tinham mais de um andar que servia como silo ou mesmo como lugar para estar, cardar e fiar a lã, fabricar as cestas e assim por diante.

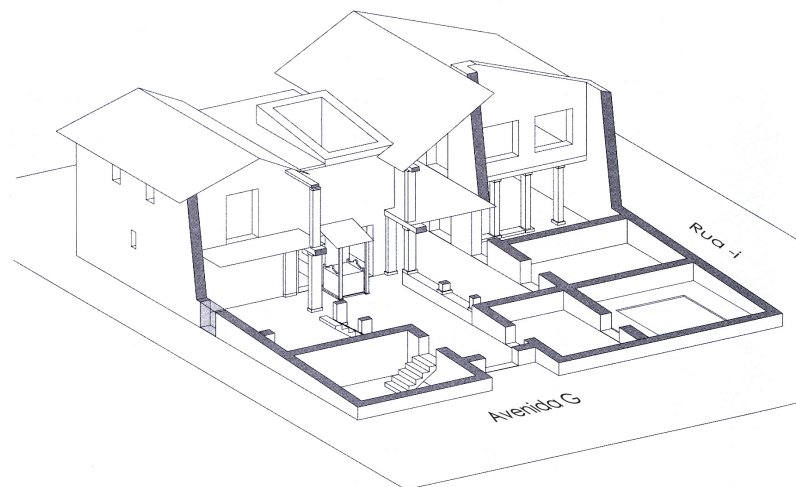


Fig. 5 Reconstituição da Casa de Muitas Cores. Cahill, 2002:87.

Com base nestas escavações apresentaremos a chamada “Casa de muitas Cores” um dos melhores exemplos de estrutura habitacional construída na área “Villa” de Olinto.

A “Casa de Muitas Cores”

A “Casa de Muitas Cores” (V. Figs. 5 e 6) está, portanto, localizada na região a leste das “Colinas Norte e Sul”. A construção data aproximadamente do século V a.C. e assim foi chamada pelos arqueólogos por apresentar paredes pintadas de diversas cores. Trata-se de uma residência possivelmente com dois andares e cômodos com funções específicas, tais como áreas de armazenamento e preparo dos alimentos, área destinada à prática religiosa e de trabalhos femininos, além dos aposentos para dormir e pátio interno aberto. O pátio interno além de atuar como fonte de iluminação da casa também abrigava um altar e as bases em pedra da provável escada de acesso para o segundo andar. (V. Fig. 5)

A prática religiosa no âmbito da casa é documentada desde tempos recuados na Grécia: nos modelos absidais do século IX a.C. acredita-se que a lareira desempenhava um papel de fogão e espaço ritual para o sacrifício de pequenos animais e oferendas. Em algumas casas de Olinto foram encontrados altares fixos e móveis (árulas). Na “Casa de Muitas Cores” o altar fixo se encontrava próximo ao “conjunto da cozinha” (V. Figs. 8 e 9).

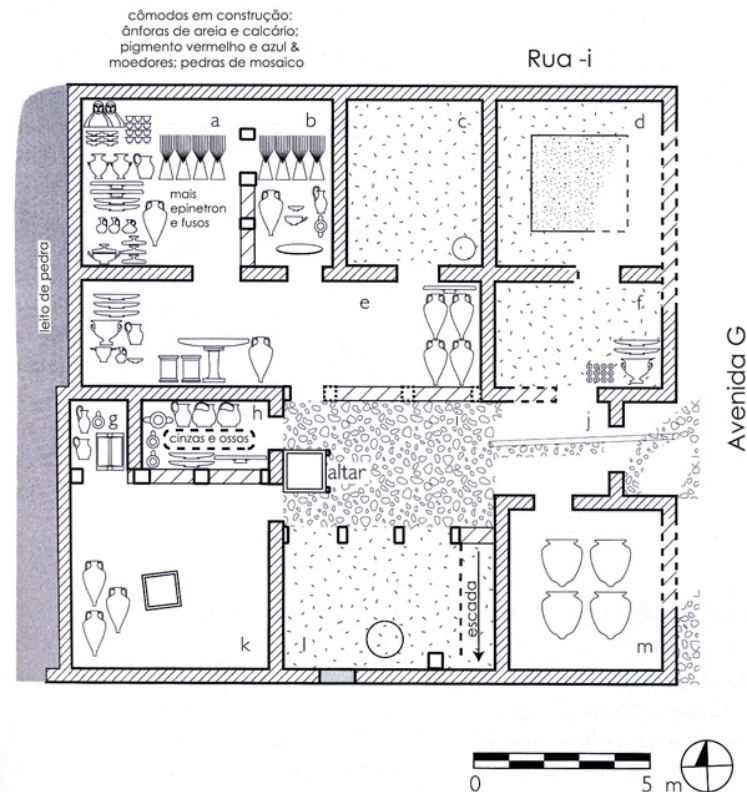


Fig. 6 Planta com artefatos encontrados na Casa de Muitas Cores. Cahill, 2002:88.



Figs. 8 e 9 Reconstituição do Complexo da Cozinha

O chamado “conjunto ou complexo da “cozinha” era composto por três cômodos: um menor, possivelmente uma área de banho (identificada pelos vestígios de sistema de escoamento de água) e dois outros espaços anexos mas separados por pilares. No maior dos cômodos, havia vestígios de uma lareira e utensílios domésticos, ambos possivelmente usados para o preparo de alimentos. O outro cômodo possui um desnível no qual foram encontrados ossos de animais e sinais de instrumentos usados para o cozimento da carne. A presença destes vestígios alimentares e a localização do altar próximo a estes cômodos, têm levado os arqueólogos a crer que os sacrifícios de animais eram praticados no altar e a carne resultante preparada em seguida.

Sabe-se que bens de consumo como água, azeite e grãos eram armazenados em vasos cerâmicos característicos, os pitos (*pithoi* em grego). Estes grandes vasos, semelhantes a grandes ânforas, tinham suas bases afuniladas e assim passíveis de serem enterradas no solo, garantindo sua estabilidade. A presença de vestígios destes pitos em um cômodo da “Casa de Muitas Cores” indicaria a existência de uma “despensa” como espaço especializado. O consumo de pães, vinho, peixes, azeitonas e frutas, pode ser deduzido pelo achado de restos dessas categorias de alimentos na casa.

¹ Esta imagem e as que vem a seguir, retiradas do aplicativo “A casa grega” foram criadas a partir do estudo de restos materiais, imagens figuradas em vasos cerâmicos e relatos escritos que chegaram até nós mesmo depois de tantos séculos. Assim, não podemos afirmar que se trata de uma reconstituição precisa do que eram as casas e sim uma criação realizada em nossa época, a partir desses documentos.

No primeiro pavimento da “Casa de Muitas Cores” há um cômodo – chamado pelos arqueólogos de *ándron* – que seria de uso masculino: nele apenas os homens se reuniam para beber vinho, conversar, ouvir música, participando de uma reunião chamada pelos gregos de simpósio (V. Fig. 10). As mulheres seriam excluídas à exceção, talvez, das hetairas (prostitutas?). A identificação da função deste espaço se faz pela presença de bancos longos localizados junto às paredes, onde os convivas se reclinavam, pelo achado de conjuntos de vasilhas cerâmicas destinadas ao preparo e consumo do vinho: a cratera – onde o vinho era misturado à água, conforme ao costume grego de consumo desta bebida- a enócoa – pequena jarra para retirar o vinho da cratera e despejá-lo nas taças, cálices e cântaros onde era bebido durante a festividade; e, finalmente pela localização do *ándron* – próximo da rua, resguardado da visão dos demais habitantes ou visitantes da casa, por uma antesala ou vestíbulo.

Em contrapartida, algumas pesquisas apontam para a existência de um cômodo destinado às mulheres e seus afazeres; aí a identificação se faz pelos achados de frascos para perfumes e óleos perfumados - fabricados a partir do azeite e essências aromáticas- adereços como jóias, pentes, alfinetes para roupa e cabelo, bem como pesos de tear usados para o trabalho tipicamente feminino, a tecelagem.



Fig. 10 Reconstituição de um *andrón*

Há ainda muita discussão em torno da interpretação dos espaços especializados das casas, pois alguns especialistas acreditam que, na verdade, havia uma rotação de tarefas em um cômodo, daí, por exemplo, a utilização de altares portáteis. O andrón e o “complexo de cozinha” não estavam presentes em todas as casas, cada habitação possivelmente era planejada e construída de acordo com as necessidades de seus habitantes e suas condições econômicas, como hoje.

As representações figuradas em vasilhas cerâmicas retratam, em detalhes, cenas de simpósio, descrevem o universo feminino, com mulheres tecendo, se preparando para o casamento ou lamentando os mortos. Nas cenas de interiores também aparecem figurados artefatos como as lamparinas – também encontradas nas casas de Olinto – que serviam para iluminar os ambientes usando o mesmo azeite de oliva como combustível (V. Fig. 11).

Os arqueólogos observaram em Olinto que as casas maiores e com mobiliário mais ricos agrupavam-se por blocos ou fileiras, ou seja, inexistem regiões específicas com padrão construtivo diferenciado. A similaridade observada nos blocos ou fileiras poderia ter resultado da distribuição dos lotes na fase inicial da ocupação: para Cahill (2000: 502) grupos familiares ou de origem comum teriam tido a oportunidade de escolha de lotes vizinhos.

Além disso, as escavações revelaram grandes quantidades de moedas nas ruas ao redor da ágora indicando que as trocas seriam frequentes na área. Também nas casas vizinhas à ágora a porcentagem de moedas encontradas era muito superior à média das casas mais afastadas: 100 moedas, contra as 20 descobertas nas habitações em geral.

Para finalizar, as evidências demonstram que em muitas das habitações funcionavam trabalhos artesanais como a prensagem das azeitonas, o preparo da farinha e a tecelagem.



Fig. 11 Reconstituição do sistema de iluminação: lamparina.

O tamanho das prensas e moedores sugere que ali eram processadas colheitas de vários produtores e as trocas dos produtos deveriam ser comuns. A identificação de casas com abertura para as ruas favorece a interpretação de serem espaços de venda de produtos aos públicos. (“lojinhas”).

Como vimos, o estudo dos espaços, em seus vários níveis de grandeza – pólis, bairros, casas e seus cômodos – trazem à luz aspectos importantes da vida dos seus habitantes e podem inspirar nossa observação sobre os espaços que nos cercam.

Referências Bibliográficas/ Imagéticas

ANDRIANOU, D., *The Furniture and Furnishings of Ancient Greek Houses and Tombs*. New York : Cambridge University Press, 2009.

AULT, B. A.; NEVETT, L. C. (eds.), *Ancient Greek Houses and Households. Chronological, Regional, and Social Diversity*. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2005

CAHILL, N., *Household and city organization at Olynthus*. New Haven/Londres: Yale University Press, 2002.

CAHILL, N., *Olynthus and Greek Town Planning*. *Classical World*. 93.5, 2000: 497-515

FLORENZANO, M.B.B. (ed.) *A Cidade Grega Antiga em Imagens: Um glossário ilustrado*. Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga, Museu de Arqueologia da Universidade de São Paulo, 2015.

GERSTER, G. TRÜMPLER, C., *The Past from above: Aerial Photographs of Archaeological Sites*. Londres: Frances Lincoln Ltd, 2005.

GRAHAM, J. W., *Olythiaka*. In. *Hesperia: The Journal of American School of Classical Studies at Athens*, Vol. 22, No. 3 (Jul.Set.), 1953:196-207.

GRAHAM, J. W. *Olythiaka 56*. In. *Hesperia: The Journal of American School of Classical Studies at Athens*, Vol. 22, No. 4 (Out. Nov.), 1954:196-207.

HELLMANN, M.C., *L'Architecture Grecque*. 1. *Les principes de la construction*. Paris: Éditions A. et J. Picard, 2002.

MORGAN, J., *The Classical Greek House*. Exeter: Bristol Phoenix Press, 2010.

NEVETT, L. C., *Household and Society in the Ancient Greek World*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 1999.

ROBINSON, D. M., *Excavations at Olynthus*. Baltimore: Johns Hopkins Press, 1942.

**Laboratório de estudos sobre a cidade antiga
Museu de Arqueologia e Etnologia da USP
Av. Prof. Almeida Prado, 1466
Cidade Universitária – São Paulo, SP
05508-070 Fone 3091 2874
www.labeca.mae.usp.br**

